



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA APARECIDA BATISTA CHAVES

A INFLUÊNCIA DO LATIM NA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO BRASIL: UMA REFLEXÃO PARA O ENSINO

CAJAZEIRAS - PB

2022

MARIA APARECIDA BATISTA CHAVES

**A INFLUÊNCIA DO LATIM NA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO BRASIL: UMA REFLEXÃO PARA O ENSINO**

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras/Língua Portuguesa, do Centro de
Formação de Professores da Universidade
Federal de Campina Grande – *Campus* de
Cajazeiras - como requisito de avaliação para
obtenção do título de licenciado em Letras.**

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

C512i	<p>Chaves, Maria Aparecida Batista. A influência do latim na formação do léxico da língua portuguesa no Brasil: uma reflexão para o ensino / Maria Aparecida Batista Chaves. - Cajazeiras, 2022. 48f. : il. - Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva. Monografia (Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.</p> <p>1. Língua latina. 2. Língua portuguesa. 3. Formação do léxico. 4. Ensino de português. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p>	CDU – 811.124
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------

MARIA APARECIDA BATISTA CHAVES

**A INFLUÊNCIA DO LATIM NA FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA
NO BRASIL: UMA REFLEXÃO PARA O ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 24/08/2022

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 1)



Prof.^a Dr.^a Adriana Sidralle Rolim de Moura
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade, por me guiar e me ajudar a vencer os desafios até aqui. Confesso que não foi fácil, recordo-me das vezes que pensei em desistir, mas Ele nunca me deixou só.

À minha família, em especial, a minha filha Maria Vitória, que me acompanhou desde o início nessa jornada.

Aos meus avós que me ajudaram com a minha filha para que eu pudesse realizar meu sonho. Como também entenderam a minha ausência durante as noites.

Não poderia deixar de agradecer também aos professores do curso, cada um me proporcionou conhecimentos que vão além do necessário para a formação profissional. Em especial, quero agradecer ao meu professor e orientador Aboral Inácio da Silva, que com os seus ensinamentos me fizeram enxergar muito além do que eu precisava, sempre me motivando a continuar e nunca desistir, como também agradeço a banca de examinadores, pois acredito que irão contribuir positivamente com a minha pesquisa.

Por fim, aos meus colegas de curso que foram meu alicerce nessa caminhada, sempre se dispondo a ajudar quando precisava, havendo uma troca de conhecimentos de suma importância para a minha formação.

RESUMO

O presente trabalho busca mostrar a influência da língua latina na formação do léxico da língua portuguesa no Brasil, uma vez que a discursão é essencial para contribuição no ensino de português. Nesse sentido, esta pesquisa tem como objetivo geral: Entender como se deu a formação do léxico da língua portuguesa no Brasil, a partir da influência do latim E para alcançá-los, elencamos como objetivos específicos: descrever a formação da língua latina (LL) e a sua contribuição na construção do léxico português, apresentar os metaplasmos, observando a formação etimológica das palavras, e refletir sobre o ensino de português, a partir do conhecimento histórico da língua. Para tanto, a base teórica utilizada foi Banza e Gonçalves (2018), Faraco (2016) e outros que contribuíram para as discussões a respeito do percurso história da língua; Bagno (2007), Cardoso (s/d), Ilari e Coutinho (2011) e outros que discutem sobre a gramática histórica, contextualizando o Latim. Para as reflexões a respeito do léxico da LP e da etimologia das palavras foi utilizado os aportes teóricos de Ilari e Basso (2021) e Viaro (2004). Por fim, com o propósito de compreender e discutir sobre a atividade escolar e o ensino de LP utilizamos as inquietações de Antunes (2003) e Brasil (2018). A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, abordagem qualitativa, sua natureza classifica-se como exploratória e descritiva. Como resultados desta pesquisa, temos as discussões e as reflexões, formação do léxico da língua portuguesa com enfoque na importância do Latim e suas especificidades, sendo importante a inserção desta abordagem no ensino de língua Portuguesa.

Palavras-chave: Língua latina, Língua portuguesa, Léxico, Ensino

ABSTRACT

The present work seeks to show the influence of the Latin Language (LL) in the formation of the lexicon of the Portuguese Language (PL) in Brazil, since the discussion is essential to contribute to the teaching of Portuguese. In this sense, this research has as its general objective: To understand how the lexicon of the PL took place in Brazil, from the influence of Latin. And to achieve them, we listed as specific objectives: to describe the formation of the LL and its contribution to the construction of the Portuguese lexicon, to present the metaphors, observing the etymological formation of the words, and to reflect about the teaching of Portuguese, from the historical knowledge of the language. Therefore, the theoretical basis used was Banza and Gonçalves (2018), Faraco (2016) and others that contributed for the discussions about the historical course of the language; Bagno (2007), Cardoso (s/d), Illari and Coutinho (2011) and others that discussed about the historical grammar, contextualizing Latin. For the reflections about the PL lexicon and the etymology of words the theoretical contributions of Illari and Basso (2011) and Viaro (2004) was used. Finally, with the purpose of to understand and to discuss about the school activity and the PL teaching, we used the concerns of Antunes (2003) and Brasil (2018). The methodology used was bibliographical research, qualitative approach, its nature is classified as exploratory and descriptive. As a results of this research, we have the discussions and reflections, formation of the lexicon of the PL with a focus on the importance of Latin and its specificities, being important the insertion of this approach in PL teaching.

Keywords: Latin language, Portuguese language, Lexicon, Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – século X – VII a.C.....	13
Figura 2	- Expansão do império Romano na Península Itálica.....	14
Figura 3	- Território da Península Ibérica antes do domínio romano.....	23
Figura 4	- Península Ibérica durante o domínio dos romanos.....	24
Figura 5	- Mapa da invasão dos bárbaros na Península Ibérica.....	26
Figura 6	- Mapa da invasão árabe na Península Ibérica.....	27
Figura 7	- Reconquista da Península Ibéria (1080 – 1492) pelos cristãos....	28
Figura 8	- Divisão do território na formação do reino de Portugal.....	29
Figura 9	- Batalha de São Mamede (1128).....	30
Figura 10	- Testamento de Afonso II (século XIII).....	31
Figura 11	- Cantiga Ribeirinha.....	33
Quadro 1	- Diferenças do Latim Clássico e Latim Vulgar.....	20
Quadro 2	- Exemplo de Palatização.....	39
Quadro 3	- Assimilação total, parcial e regressiva.....	40
Tabela 1	- Declinações do Latim Clássico.....	18
Tabela 2	- Plural dos nomes e adjetivos terminados por -I.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	-	Base Nacional Comum Curricular
CFP	-	Centro de Formação de Professores
LC	-	Latim Clássico
LL	-	Língua Latina
LV	-	Latim Vulgar
LP	-	Língua Portuguesa
PB	-	Paraíba
PI	-	Península Ibérica
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	-	Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	-	Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA	15
2.1 LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR	17
3 ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA	24
3.1 RECONQUISTA E A FORMAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL	29
3.2 GALEGO PORTUGUÊS	32
4 A FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL	38
4.1 MUDANÇAS LINGUÍSTICAS A PARTIR DO METAPLASMOS	40
4.2 CONTRIBUIÇÕES DA ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO..	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa (LP) está no grupo das línguas românicas, também denominadas *neolatinas*, resultado das transformações ocorridas no latim vulgar (LV) levado à Península Ibérica (PI). Com as invasões e conquistas de vários povos, houve um processo de misturas de etnias, no entanto a língua adotada naquele momento foi a latina como também seus costumes. Nesse sentido, Carlos Alberto Faraco (2016) no seu livro *História sociopolítica da língua portuguesa*, ressalta que a língua que atualmente conhecemos pelo nome de português é o resultado do desdobramento histórico dos falares românicos que avançaram e progrediram nos séculos posteriores à dissolução do império romano do ocidente.

Desse modo, o latim foi disseminando-se, tomando forma e se tornando o idioma oficial nas transações comerciais, assumindo um papel importante na cultura, especialmente, durante a expansão e domínio romano na PI. À proporção que Roma se expandia para outros territórios o latim se diversificava, absorvendo outros falares, revestindo-se de dois aspectos distintos: O latim clássico (LC) e o latim vulgar (LV). Segundo Assis (s/d), o LC é chamado de *sermo urbanus* era uma língua literária, que buscava a correção gramatical e estilística, sinônimo de prestígio, utilizado pela elite, usada nas escolas e nas obras dos grandes escritores latinos. De modo que, o LV também chamado de *sermo vulgaris*, era usado pelo povo sem preocupação com a correção gramatical, com finalidades práticas e comerciais, tornando-se assim, uma língua com muitas variações.

É importante ressaltar, que o LV é o mais próximo na construção do léxico da LP por se tratar da linguagem em seu estado real, ou seja, em uso. Neste sentido, não existe uma língua pura sem influências de outras, pois permanece viva e por isso em constante evolução. Todavia, houve um processo de mudanças e variações ao longo do tempo, de considerável valia a para formação do nosso vocabulário, nessa direção Banza e Gonçalves (2018) defendem que a mudança é a primordial propriedade universal das línguas naturais. Pois, a LP nasce desse processo de variação que o latim passou durante o tempo.

Este trabalho surgiu de algumas inquietações no período escolar, no qual não houve respostas sobre a origem de muitas palavras nas aulas de português, faltando algo para uma melhor compreensão da língua materna. Diante disso, nos propomos a estudar a evolução do português desde o latim com suas variações, até a implantação no Brasil, quando os portugueses chegaram aqui no século XVI. Assim, no intuito de oferecer subsídios para as aulas de LP consideradas na atualidade, muitas vezes, como monótonas, difíceis e principalmente presas às regras prescritivas, sem levar em consideração a historicidade que há e que resultaram nas

mudanças linguísticas, tendo em vista que deram forma ao nosso vocabulário tão diversificado, trazendo as marcas de identidade resultantes do contato de vários com valores e cultura diferentes.

Durante o período escolar internalizamos que a gramática normativa da LP é difícil de ser compreendida, assim o que se perdura ainda na atualidade é de que não sabemos falar e escrever nossa própria língua materna. Desse modo, as mudanças ocorridas ao longo do tempo, na maioria das vezes não são compreendidas nas aulas, isso ocorre pela falta de conhecimento no que tange à origem da LP “*O Latim*”, considerada uma língua morta por muitos.

A questão é que, o aprendizado fica somente alicerçado nas regras gramaticais e muitas vezes não se fala como se deu a etimologia das palavras, deixando uma lacuna no aprendizado sobre o processo lexical da LP no Brasil. Partindo desse pressuposto, buscamos a solução do seguinte problema: Por que é difícil compreender o léxico da LP no processo de ensino no Brasil?

Por isso, a importância do estudo diacrônico da língua, focando na influência que o latim exerceu na formação do léxico português até a atualidade, assim contribuir para o desenvolvimento e aprendizado da língua materna. A partir desta questão, traçamos o seguinte objetivo geral: Entender como se deu a formação do léxico da língua portuguesa no Brasil, a partir da influência do latim e para alcançá-los, elencamos como objetivos específicos: descrever a formação da língua latina (LL) e a sua contribuição na construção do léxico português, apresentar os metaplasmos, observando a formação etimológica das palavras, e refletir sobre o ensino de português, a partir do conhecimento histórico da língua.

Para isto a base teórica está sustentada, principalmente, nas concepções de Banza e Gonçalves (2018), Faraco (2016), Assis (s/d), Gonçalves e Basso (2010), e Teyssier (2007) que contribuem para a discussão acerca do percurso histórico da língua; Bagno (2007), Cardoso (s/d), Ilari e Coutinho (2011) que apresentam discussões a respeito da gramática histórica, através do percurso das transformações que a LP sofreu no tempo, como: metaplasmos, morfologia histórica, como também a linguística românica, Ilari e Basso (2021), que trazem aspectos relacionados à formação do léxico da LP; Viaro (2004) que discorre sobre a etimologia das palavras; Antunes (2003) que através de suas discussões e inquietações colabora com a atividade escolar no ensino de LP e por último a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), que traz orientações sobre a garantia da promoção do aprendizado e o pleno desenvolvimento dos alunos concernentes à evolução histórica da língua.

Neste sentido, para a construção desta pesquisa, utilizamos a pesquisa bibliográfica que parte de pesquisas e leituras, de levantamento bibliográfico em livros, sites (domínio público,

Google acadêmico e Biblioteca brasileira digital de teses e dissertações). Desse modo, a pesquisa foi dividida em duas etapas: na primeira etapa nos detemos a analisar as obras que contextualizam a história da língua latina, os aportes teóricos que discorrem sobre o processo de mudança que ocorreu na língua, especialmente, os metaplasmos. Na abordagem do problema a pesquisa enquadra-se como qualitativa, sua natureza classifica-se como exploratória. E por fim, é descritiva, pois se detém em aprofundar o conteúdo, buscando possíveis repostas em relação às dúvidas sobre o tema.

A LP tem suas raízes históricas no LC e no LV, por isso é relevante conhecer esse percurso diacrônico que ocorreu na língua ao longo do tempo, entretanto, muitas vezes, pouco contextualizado nas aulas de português na escola. Diante dessa constatação, a cultura que se permeia ainda é de que não dominamos nossa própria língua. Por isso, é importante ressaltar, que o conhecimento de como se deu esse processo de formação lexical é uma ferramenta de suma importância para o ensino, pois possibilita a compreensão da etimologia das palavras.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que a BNCC (BRASIL, 2018) nos ampara com relação ao trabalho de gramática contextualizada, tal orientação é relevante para o ensino, visto que trabalhar a origem da LP amplia significativamente o conhecimento acerca de nossa língua.

Assim, não se pode deixar para trás o fenômeno histórico da língua, visto que ela é viva e está em constante mutação, por isso merece uma reflexão acerca de sua construção. A partir do exposto, acreditamos que esse trabalho trará contribuições significativas para o ensino da LP.

A pesquisa está estruturada em capítulos, assim distribuídos. O primeiro apresenta a proporção e dimensão deste estudo: a problematização, objetivo geral e objetivos específicos, as hipóteses, a justificativa, a fundamentação teórica e metodológica e a estruturação deste trabalho.

O segundo apresenta aparato histórico de maneira concisa sobre a origem da língua latina (LL), desde o surgimento, por volta do século VII a.C., a evolução histórica com o passar dos séculos até a formação da língua portuguesa. Além disto, expõe as concepções acerca do LC e do LV, destacando algumas características no que concerne à estrutura lexical.

O terceiro capítulo apresenta as concepções e reflexões dos aportes teóricos sobre a romanização da PI, a disseminação do latim por todo o território Ibérico, fato que a torna a língua oficial. Apresentamos brevemente considerações sobre formação do reino de Portugal como estado monárquico, por fim a transição linguística do latim ao galego português, destacando as características do galego e os primeiros documentos escritos nessa língua.

O quarto capítulo reflete sobre a formação do léxico da LP no Brasil, mostrando as transformações linguísticas através dos metaplasmos que são responsáveis pelas mudanças fonéticas das palavras que compõem nosso vocabulário, por último uma reflexão em torno do ensino de Língua portuguesa no Brasil ressaltando a importância do conhecimento acerca da origem da LP. Após estas reflexões, temos as considerações finais, em que apresentamos os resultados da pesquisa.

2 ORIGEM DA LÍNGUA LATINA

Para compreendermos como se deu o processo de formação do léxico da LP é necessário conhecer todo o processo evolutivo da língua, para assim entender a língua na atualidade. A LP provém do LV e foi introduzida pelos romanos na Lusitânia, região situada no ocidente da PI. Nesse capítulo, vamos conhecer um pouco da origem do latim e como ocorreu a construção do seu léxico.

Segundo Assis (s/d), o latim nasceu na Itália, numa região chamada Lácio, pequeno distrito à margem do rio Tibre, e foi levado ao território Ibérico pelas legiões romanas no século III a.C. A LL não era falada em outras regiões, quem utilizava o latim eram os falantes do centro da Itália. Veja a seguir a Figura 1, que permite visualizar o local onde o latim surgiu.

Figura 1 - Mapa dos povos pré-romanos na Península Itálica – século X-VII a.C.



Fonte: Imagens Google (2022).¹

Podemos observar, no mapa acima, a localização da região, na qual situa-se a Península Itálica, região onde habitavam os povos pré-românicos, a maior parte dos falantes latinos estavam situados em Roma, enquanto nos territórios vizinhos predominavam outros povos com suas culturas e conseqüentemente falavam outros idiomas, como: o umbro, o osco, o etrusco e

¹Disponível em: <https://www.professoraisabelaguaiar.com/2017/12/roma-antiga.html>. Acesso em: 10 abr. 2022.

o grego. Os que mais se aproximavam do latim eram: os etruscos, as tribos éguas samnitas e volscos.

Segundo Gonçalves e Basso (2010), a partir do século III a.C., houve a expansão do império romano pela Península Itálica, através da conquista de outras regiões do Ocidente e do Oriente, diante dessas conquistas os romanos implantaram a LL, predominando sobre todas as outras línguas. Nesse sentido, o latim expandiu-se para outras regiões que falavam outras línguas, é nessa trajetória de domínio do latim que surgem posteriormente as línguas neolatinas: o Português, Espanhol, Catalão, Italiano, Francês, Romeno e Romanche, como será abordado adiante.

A seguir, vejamos na Figura 2, a expansão do Império Romano na Península Itálica.

Figura 2 - Expansão do império Romano na península Itálica



Fonte: Imagens Google (2022).²

No mapa acima, é possível observar como ocorreu a expansão do Império Romano na Península Itálica, esse processo provocou a dominação e ampliação do território romano, além disso os romanos não só dominaram o interior da península, mas também outras regiões, inclusive a Grécia.

De acordo com Gonçalves e Basso (2010), os romanos buscavam exteriormente novas conquistas como, por exemplo, a bacia do mar Mediterrâneo, porém, alguns empecilhos

²Disponível em: https://www.educabras.com/enem/materia/historia/historia_geral/aulas/civilizacao romana. Acesso em: 20 abr. 2022.

atravessaram seus planos, como Cartago, uma potência militar que comandava as rotas comerciais do mar Mediterrâneo, impossibilitando assim a expansão romana, por isso essa disputa motivou fortes embates entre Roma e Cartago, denominadas de guerras púnicas, por ser esta região uma rota estratégica para o comércio marítimo.

Segundo Assis (s/d), diante dos conflitos comerciais entre Roma e Cartago ocorreram três guerras, chamadas púnicas entre (264 a 146 a.C.), a primeira ocorreu de (264-241), ao longo desses anos de guerra Roma derrotou Cartago que perdeu o território da Sicília, além da perda territorial, os cartaginenses tiveram que pagar indenização aos romanos. A segunda guerra durou entre (218-201) nesse conflito destacou-se o general Aníbal Barca que atacou a cidade de Sagunto, aliada de Roma, nesse embate os cartaginenses apresentaram forte resistência ao ataque romano, no entanto em 201 a.C., os romanos conseguiram derrotar o exército do general cartaginês. Depois da derrota para os romanos os cartaginenses procuraram outras formas de desenvolver a economia, com isso Roma se sentiu ameaçada o que provocou a terceira guerra púnica entre (149-146), com a vitória dos romanos dominaram todo o mar mediterrâneo e Cartago finalmente foi completamente destruída.

No século II d. C., império romano alcançou a sua extensão territorial máxima, que culminou em um império grandioso, por causa da extensão territorial, por isso o império foi dividido em duas partes, a saber: o ocidente com a capital Roma e o oriente com a capital Constantinopla. Em 476 d.C. o império do ocidente caiu. Entretanto, somente em 1453 o império do oriente caiu, a partir desse fato, deu-se início a uma crise econômica, causando dificuldades administrativas, abrindo espaço para as invasões bárbaras, dessa forma desencadeou o fim da expansão territorial, enfraquecendo assim, todo o domínio antes conquistado.

Nesse contexto, mesmo com a decadência do império romano, o latim continuou sendo o idioma de grande importância, sendo utilizado nas transações comerciais, na produção de documentos oficiais e, especialmente, era a língua da Igreja Católica, por isso exerceu uma forte influência não só na época, mas até a contemporaneidade. A seguir, discorreremos brevemente sobre as características linguísticas do LC e do LV.

2.1 LATIM CLÁSSICO E LATIM VULGAR

Ao longo do tempo, a LL passou por um longo processo de transformação, apresentando variações em seu léxico como qualquer outra língua viva, resultando desse processo o LC e o LV. Ambas variações nasceram do latim arcaico. Dessa forma surgiram as diferenças no

vocabulário, na fonologia e na morfologia. Nesse sentido, Ismael de Lima Coutinho destaca que

A princípio, o que existia era simplesmente o latim. Depois, o idioma dos romanos se estiliza, transformando-se num instrumento literário. Passa então a apresentar dois aspectos que, com o correr do tempo, se torna dois aspectos da mesma língua. Um surgiu do outro, como árvore da semente (COUTINHO, 2011, p. 29).

De acordo com Coutinho, a LL se revestiu de dois aspectos distintos: o clássico e o vulgar, chamado pelos romanos de *sermo urbanus* e *sermo vulgaris*. À medida que Roma expandia seus territórios o latim se diversificava, e assim a partir dessas variações o latim se transformou, especialmente, através do contexto de uso, seja no campo social, histórico e político da época, o que contribuiu para a mudança e evolução do latim no decorrer do tempo.

O que aconteceu com o latim foi um processo de variação lexical de acordo com o uso no cotidiano das diferentes classes sociais. Nessa perspectiva, Ilari (1999) destaca que todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (correspondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes, conforme o grau de formalidade da situação de fala. O autor traz a variação linguística, ocorrida no latim que resulta das diferenças no vocabulário de acordo com o uso em situações reais de fala, o que demonstra a heterogeneidade do latim falado.

O latim, como dito anteriormente, apresentava duas modalidades, o LC relacionado com a escrita culta, utilizado pelos patrícios considerados a elite da época, já o LV usado pelas pessoas menos favorecidas, os plebeus, voltado mais para a oralidade, refletindo assim a variedade linguística sobre duas culturas, uma fechada mais conservadora e outra aberta socialmente a todas as influências. Ainda, segundo Ilari (1999), o latim literário permanecia estável como língua da escrita e como língua falada nas situações mais formais, enquanto o LV é derivado das variedades regionais e sociais etc.

O LC é a variação da norma culta do latim, caracterizada pelo cuidado no vocabulário, priorizando o estilo na escrita. Ismael de Lima Coutinho no seu livro *Gramática Histórica* considera que:

A tradição começa em Roma no século III a. C, com o aparecimento dos primeiros escritores: Livio Andronico, Cneu Névio, Enio. Antes, o que havia eram simples inscrições de nulo valor literário. O período de ouro do latim clássico é representado pela época de Cícero e Augusto. É então que aparecem

s grandes artistas da prosa e do verso, que levam a língua ao seu maior esplendor (COUTINHO, 2011, p. 29).

De acordo com o pensamento de Coutinho (2011), o LC se configurava nas obras literárias de vários escritores latinos, uma língua rígida, pois buscava a perfeição no léxico e representava as classes mais privilegiadas da sociedade na época.

De acordo com Maria Cristina de Assis, em seu livro *História da língua portuguesa*, o latim clássico é definido como:

O latim clássico, chamado pelos romanos de *sermo urbanus*, era a língua literária, conservadora e resistente às inovações, que buscava a correção gramatical e estilística; caracterizava-se pelo apuro do vocabulário e pela elegância do estilo. Conhecida como uma língua artificial e rígida, porém polida e requintada (ASSIS, s.d., p.119).

A autora enfatiza que o LC buscava a estilística, voltado para a correção gramatical, nesse sentido podemos ressaltar, o quanto essa variação se preocupava com a escrita perfeita sem erros, ou seja, era preciso encantar os olhos do leitor. “Embora se tratasse da mesma língua, as variedades clássicas e vulgar do latim apresentavam diferenças fonéticas, na morfologia, no léxico e na sintaxe” (ASSIS, s/d, p. 120). Assim a autora enfatiza que mesmo sendo uma língua só, há diferenças não só na fala, mas também na estrutura da escrita.

De acordo com Bagno (2007), o LC era uma língua sintética, isto é, exprimiam as funções sintáticas das palavras por meio de desinências. Nesse sentido, a terminação ou desinência varia de acordo com a função sintática da palavra. Por isso, diz que o latim é declinável, pois o que indica a função sintática não é a posição e sim as terminações que correspondem aos casos, em razão disso, os termos são livres. Um exemplo é a oração *puella vidit doctorem* (A menina viu o sábio), no latim o sujeito nominativo é a menina, o sábio é objeto e está no acusativo, entretanto mesmo que mudemos a ordem, *doctorem vidit puella* o sentido continuará o mesmo, independentemente da organização sintática da oração, tendo em vista que é terminação que indica a função sintática.

No LC, as declinações eram distribuídas em cinco grupos e a função sintática é determinada pelos casos, que são seis, conforme a tabela

Tabela 1 - Declinações do Latim Clássico

Declinationes (sg.)								
Caso	1 f.	2 m.	2 n.	3 m./f.	3 n.	4 m.	4 n.	5 f.
Nom.	-a	-us	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Voc.	-a	-e	-um	-?	-?	-us	-u	-es
Acc.	-am	-um	-um	-em	-?	-um	-u	-em
Gen.	-ae	-i	-i	-is	-is	-us	-us	-ei
Dat.	-ae	-o	-o	-i	-i	-ui	-u	-ei
Abl.	-a	-o	-o	-e	-e	-u	-u	-e

Fonte: Imagem Google (2022).³

No Tabela acima, podemos conhecer as declinações e os casos do LC. É importante observar as terminações, visto que é através delas que se identificamos a qual grupo a palavra pertence, como também através dos casos identificamos a função sintática.

Segundo o pensamento de Cardoso (s/d), o LC empregava palavras distintas para especificar o sentido concreto ou abstrato, por exemplo, utilizava as palavras *grandis* e *magnus*, a palavra *grandis* era o material e o tamanho físico e *magnus* era o moral, intelectual. No LV desaparece essa diferença de significado desaparece e assim *magnus* perdeu essa distinção de abstração e *grandis* absorveu os dois sentidos embora em português magno ainda seja utilizado com sentido de tratamento. Como mencionado, o LV estava ligado com a oralidade, como também estava mais próximo do povo, é dessa variante que iremos discorrer mais adiante.

O LV é a variedade coloquial do latim, a língua no seu estado real de uso, ou seja, era utilizada pelo povo sem preocupação normativa e gramatical. Como salienta Assis (s/d):

Também chamada sermos vulgaris, foi levado pelos soldados, colonos e funcionários romanos a todas as regiões do império romano. Sujeito a influências locais de costumes, raças, clima e outros fatores, o latim vulgar veio fracionar-se em diferentes dialetos, o que resultou, logo a seguir, nas línguas românicas (ASSIS, s/d, p. 120).

³ Disponível em: <https://rafaelfalcon.com.br/curso-de-latim-online/> Acesso em: 15 maio 2022.

Nessa direção, a autora enfatiza que do LV era a língua utilizada pelos romanos de classes sociais distintas, além disso foram influenciados pelas línguas nativas e, portanto, foi dessa variação que se originou a LP. De acordo com Coutinho (2011), o LV é a soma de todos os falares das camadas sociais mais humildes, um instrumento familiar de comunicação diária, com as finalidades práticas e comerciais. Ainda nesse sentido, Cardoso (s/d), considera que o LV não se apegava às regras gramaticais e não tinha preocupação com a estilística, diferentemente do LC que era uma variação utilizada fundamentalmente na escrita.

O que diferencia o LV do LC não é o período histórico e sim o aspecto social, visto que não existe um período cronológico das duas variantes, ambas se desenvolveram de acordo com o contexto de uso. Segundo Bagno (2007), o LV é uma língua analítica, isto é, exprimem as funções sintáticas das palavras mediante as ordens destas no sintagma e pelo uso de elementos como artigos e preposições.

No LV aconteceu um processo de redução nas declinações de cinco para três, e posteriormente para duas. Quanto aos casos, foram reduzidos de seis para dois: o nominativo (sujeito) e o acusativo (objeto). As razões que provocaram a redução das declinações correram porque os nomes da 4ª e 5ª declinações foram incorporados à 1ª e a 2ª, desse modo os nomes da 5ª passaram em sua maioria, para a 1ª e, a minoria para a 3ª declinação, os nomes da quarta se transferiram para 2ª, isso aconteceu pelas semelhanças que existiam entre as desinências. Bagno (2007, p. 30) considera que:

A pressão analítica da mudança linguística levou, a bem da clareza de expressão, ao emprego frequente de preposição. Onde bastava o caso para indicar a função, surgiu a partícula, facilitando a compreensão no sentido. Assim, em vez do genitivo, aparece, no próprio latim clássico, o ablativo com a preposição *de*: *nil gustabit de meo* (Plauto), partem de *istiis impudentia* (Cícero). Em lugar do dativo, usa-se o acusativo, regido de *ad*: *ad me magna nuntiavit* (Plauto), *ad propinquos restituit* (Tito Lívio) etc.

De acordo com o pensamento do autor, o LV priorizava o sentido para alcançar uma maior compreensão na comunicação das pessoas mais simples, por isso diante da necessidade dos falantes de maior compreensão, empregou-se com mais frequência as preposições e assim substituiu funções que no LC eram indicados pelas terminações dos casos.

Dessa forma, a variação vulgar estava aberta a diversas variedades linguísticas, diferenciando-se do clássico que estava totalmente estável em relação a essas modificações. Um exemplo é a frase *Liber Petri* (clássico), *Libro de Petru* (vulgar), O livro de Pedro (português), podemos observar de acordo com os exemplos o quanto a variação vulgar se

assemelha ao nosso idioma na atualidade, haja vista que a indicação de posse não é mais indicada pela terminação do caso genitivo, e o sujeito é indicado pela posição e não mais pela terminação do caso nominativo. Vejamos no Quadro 1, as modificações ocorridas entre o LC e o LV

Quadro 1 - Diferenças do Latim Clássico e Latim Vulgar

LATIM CLASSICO	LATIM VULGAR
✓ Cinco declinações	Três declinações
✓ Quatro conjugações	Três conjugações
✓ Seis casos	Dois casos, um caso
✓ Três gêneros	Dois Gêneros
✓ Passiva sintética	Passiva analítica
✓ Ordem inversa	Ordem direta
✓ Parcimônia de preposições	Largo uso de preposições
✓ Sintetismo	Analitismo
✓ Acento de quantidade	Acento de intensidade
✓ Formas verbais deponentes	Formas verbais ativas

Fonte: Imagens *google* (2022).⁴

Mesmo se tratando da mesma língua, podemos observar no quadro acima algumas peculiaridades das variações do latim. A exemplo sobre as declinações temos: a palavra *domus, us* poderia ser declinada como uma palavra da quarta declinação ou *domus, i* como palavra da segunda. *Materies, ei*, quinta declinação ou *materia, ae*, primeira declinação. Desse modo, vemos como cada variação se apresentava, fazendo parte de diferentes culturas e contextos sociais.

Outro fator importante do latim é que além do gênero masculino e feminino existia também o gênero neutro, que desapareceu no português como categoria gramatical. Nesse sentido, é importante ressaltar que esse processo de variação foi muito relevante para que a língua evoluísse, contribuindo de forma positiva na construção do léxico da LP. “A mudança é propriedade universal das línguas naturais, na origem, quer dar diferenciação linguísticas ao longo do tempo, quer dar variação, pelo que, no caso em apreço, a situação do português atual só pode ser adequadamente compreendido conhecendo a sua origem” (BANZA e GONÇALVES 2018, p. 08).

⁴ Disponível em: <https://anaygens.wordpress.com/2011/07/21/69/>. Acesso em: 17 maio 2022.

Diante dos pensamentos das autoras, entendemos que a mudança linguística é uma propriedade universal das línguas, visto que ao longo do tempo a língua vai se modificando, variando de acordo com a necessidade comunicacional dos falantes. Desse modo, as línguas se desenvolvem tornando-se primordial instrumento de comunicação seja na escrita ou na oralidade.

Vale ressaltar que é importante não só conhecermos a origem do latim, de onde vieram suas raízes, como também língua que se expandiu para diversos territórios. Por isso é fundamental compreendermos as contribuições das variações do latim para a formação do léxico da LP que se originou fundamentalmente do caso acusativo, pois a maioria das palavras são oriundas desse caso. O exemplo é a palavra verdade, não poderia vir do nominativo *veritas*, mas sim do acusativo *veritatem*. Portanto é de suma importância o estudo da língua latina para que possamos compreender como o latim influenciou a formação do léxico da LP no Brasil.

3 ROMANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA

No capítulo anterior, discorreremos sobre o surgimento e a evolução da LL por toda a Península Itálica, as conquistas do império romano, promovendo o desenvolvimento geográfico e cultural nas regiões conquistadas. No entanto, foi através da conquista da PI que os romanos atingiram seu maior êxito, expandindo as rotas comerciais, como também a língua, logo foi no território Ibérico que nasceu as línguas românicas, através do contato com diversos povos, culturas e com outros idiomas. Nesse sentido, Maria Cristina de Assis, no livro *História da língua portuguesa*, relata como a península era habitada antes do domínio romano.

Antes do estabelecimento do domínio romano na região, os povos que a habitavam a península eram numerosos e apresentavam língua e cultura bastantes diversificadas. Havia duas camadas de população muito diferenciadas: a mais antiga – Ibérica – e outra mais recente – os Celtas, que tinham o seu centro de expansão nas Gálias. Muito pouco se conservou das línguas pré-românicas (ASSIS, s/d, p. 115).

A partir do século VIII a.C., os celtas começaram a invadir PI de forma desordenada, no entanto exerceram uma forte influência na região antes da chegada dos romanos. Com o passar tempo os celtas se misturaram outros povos, os Iberos, e passaram a ser denominados de Celtiberos, séculos depois aconteceu a formação das colônias na península com outros como os povos da Fenícia, Grécia, cartaginenses, Vetones, Vaceos, Carpetanos, Oretanos entre outros.

Diante do povoamento da península, os cartaginenses pretendiam dominar todo o território, atraídos pelas riquezas, em geral, que a PI oferecia. Diante de tamanha ameaça os celtiberos pediram socorro aos romanos, que invadiram a península no intuito de deter o ataque dos cartaginenses, provocando assim as guerras púnicas, já mencionadas no capítulo anterior. Com o contato mais próximo dos romanos, os celtiberos acabaram adotando a língua e os costumes dos romanos. No mapa a seguir, visualizaremos o território peninsular antes do domínio romano como também os povos que habitavam o território Ibérico.

Figura 3 - Território da Península Ibérica antes do domínio romano



Fonte: Imagens Google (2022).⁵

No mapa acima, é possível observar como estava organizado PI, a diversidade de povos que habitavam a região, como também outros povos que foram completamente dominados culturalmente pelos celtiberos.

A chegada dos romanos à península foi condicionada por dois motivos, a saber: o primeiro foi o desejo de expansão territorial, o segundo foi o pedido da nação celtibérica para auxiliá-la na guerra contra os cartaginenses. Segundo Assis (s/d), a invasão romana ocorreu no século III a.C., no entanto a consolidação desse domínio só ocorreu em 197 a.C. O domínio romano não foi visto de bom grado pelos lusitanos, povos de origem Célticas que chefiados por Viriato, resistiram a chegada e ao domínio dos romanos, só com sua morte (acerca de 140 a.C.) os romanos conseguiram progredir em direção ao norte, dando continuidade à expansão.

Com o domínio romano, a PI se modificou, tendo em vista que os romanos desenvolveram sua civilização, organizando o comércio, implantando o serviço militar como também a construção de escolas, nesse contexto o latim tornou-se o idioma oficial, sendo

⁵Disponível em: <https://pl.pinterest.com/pin/466544842647753816/>. Acesso em: 28 maio 2022.

utilizado nas transações comerciais, tornando-se a língua de cultura do povo. Concordamos com Assis (s/d, p. 116) quando afirma que:

Dessa forma, a língua e os costumes romanos foram progressivamente assimilados, de maneira que península ibérica chegou ao século V d.C. completamente romanizada, ou seja, politicamente pertencendo ao império romano e linguisticamente falando a língua de Roma – o latim.

Diante do pensamento da autora, podemos compreender que a romanização da PI aconteceu de forma gradativa, tendo em vista que os povos que habitavam a região assimilaram todos os costumes romanos e além disso adotaram a língua imposta pelos conquistadores, o latim. No mapa abaixo, podemos observar como o território ficou dividido com a ocupação dos romanos.

Figura 4 - Península Ibérica durante o domínio dos romanos



Fonte: Imagens Google (2022).⁶

No mapa acima, podemos visualizar toda ocupação romana do território ibérico. Nesse momento de domínio durante, no século I a.C. a península foi dividida, inicialmente, em duas províncias a da Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior, esta última sofreu uma nova divisão em mais duas outras províncias a Bética e a Lusitânia. Essa divisão efetuada pelos romanos tinha como objetivo facilitar a administração do território.

⁶ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conquista_romana_da_Pen%C3%ADnsula_Ib%C3%A9rica. Acesso em: 30 maio 2022.

Segundo Assis (s.d., p. 116), “a romanização da Península não se deu de maneira uniforme, mas gradativamente, o latim foi-se impondo, fazendo praticamente desaparecer as línguas nativas”. Foi no século V d.C. que a península foi totalmente romanizada, sendo assim o latim se tornou a língua oficial da România. Entretanto, é nesse período que ocorre a queda do império do ocidente. Desse modo, a língua que chegou a PI foi o LV como afirma Cardoso (s/d, p. 166):

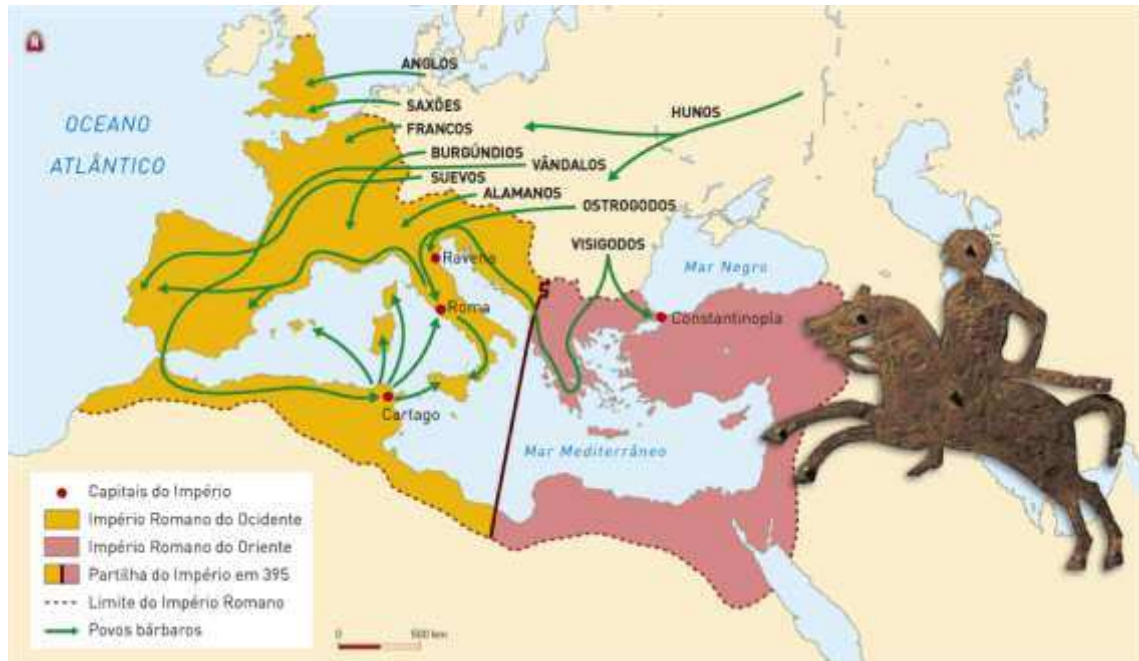
O latim chegou à Península Ibérica com prestígio de língua oficial. Levado pelos legionários, colonos, comerciantes e funcionários públicos romanos, impôs-se e expandiu-se. Esse latim, entretanto, era o *sermo vulgaris, plebeius* ou *rusticus*. O latim escrito mantém-se como a única língua da cultura, o latim falado transforma-se e diversifica-se.

A autora destaca um fato muito importante, o latim que chegou à PI foi o LV e não o LC, pois está diretamente relacionado com a comunicação diária do povo romano, diferentemente do LC que estava voltado mais para escrita, como abordado no capítulo anterior.

No século I d.C., a península passa pelo processo de latinização, provocado pelo contato de várias etnias, nesse sentido, o latim adquiriu feições particulares, contendo elementos celtas e ibéricos no vocabulário. Podemos exemplificar alguns desses vestígios no léxico do português que são de origem Ibérica: *bezerro, esquerdo, sarna, cama, baía*, já a influência céltica é mais forte na fonética, porém podemos citar influências também no vocabulário: *bico, casa, légua, raio, touca*.

O latim já estava consolidado, quando aconteceu a invasão dos bárbaros no território Ibérico no século V d. C., de acordo com Assis s/d, os primeiros que chegaram foram os suevos e os vândalos. Posteriormente vieram os visigodos e alanos, no entanto quem se estabeleceu na península foram os suevos e os visigodos, promovendo a diversificação do latim, tornando-se a língua da cultura. Em 476 d.C. ocorre a queda do império do ocidente em decorrência da dificuldade de manter os inimigos afastados por causa da grande extensão das fronteiras. No mapa a seguir, veremos como ficou a PI depois da invasão dos bárbaros.

Figura 5 - Mapa da invasão dos bárbaros na Península Ibérica



Fonte: Imagens Google (2022).⁷

No mapa acima, observamos como a PI ficou dividida depois da invasão dos bárbaros no século V d.C. Além dos suevos e visigodos outros povos se espalharam por todo o território que havia sido dominado pelos romanos, dentre eles estão: *burgundos, francos, saxões, alamanos, longobaros, normandos*. Entretanto esses povos não conseguiram manter-se por muito tempo e somente os visogodos conseguiram dominar a península até o século VIII.

Ainda no século VIII d. C, as disputas territoriais persistiram, agora com a invasão dos árabes também conhecidos como mouros. De acordo com o pensamento de Assis (s/d), os árabes era um povo de cultura, raça, costumes e religião diferentes. Nesse sentido, o período de domínio dos árabes trouxe para a PI desenvolvimento nos campos da ciência, das artes e das letras. Vejamos o mapa a seguir:

⁷ Disponível em: <https://app.emaze.com/@AOCWRRWT#/2>. Acesso em: 06 jun.2022.

Figura 6 - Mapa da invasão árabe na Península Ibérica



Fonte: Imagens Google (2022).⁸

Desde 711, nas regiões conquistadas pelos árabes os povos adotaram a sua língua, porém o latim continuou a ser a língua oficial da PI, mesmo diante da influência dos árabes. É possível encontrarmos alguns vestígios do vocabulário árabe na LP como: arroz, alface, alicate, açúcar, aldeia, almofada, azeite dentre outras.

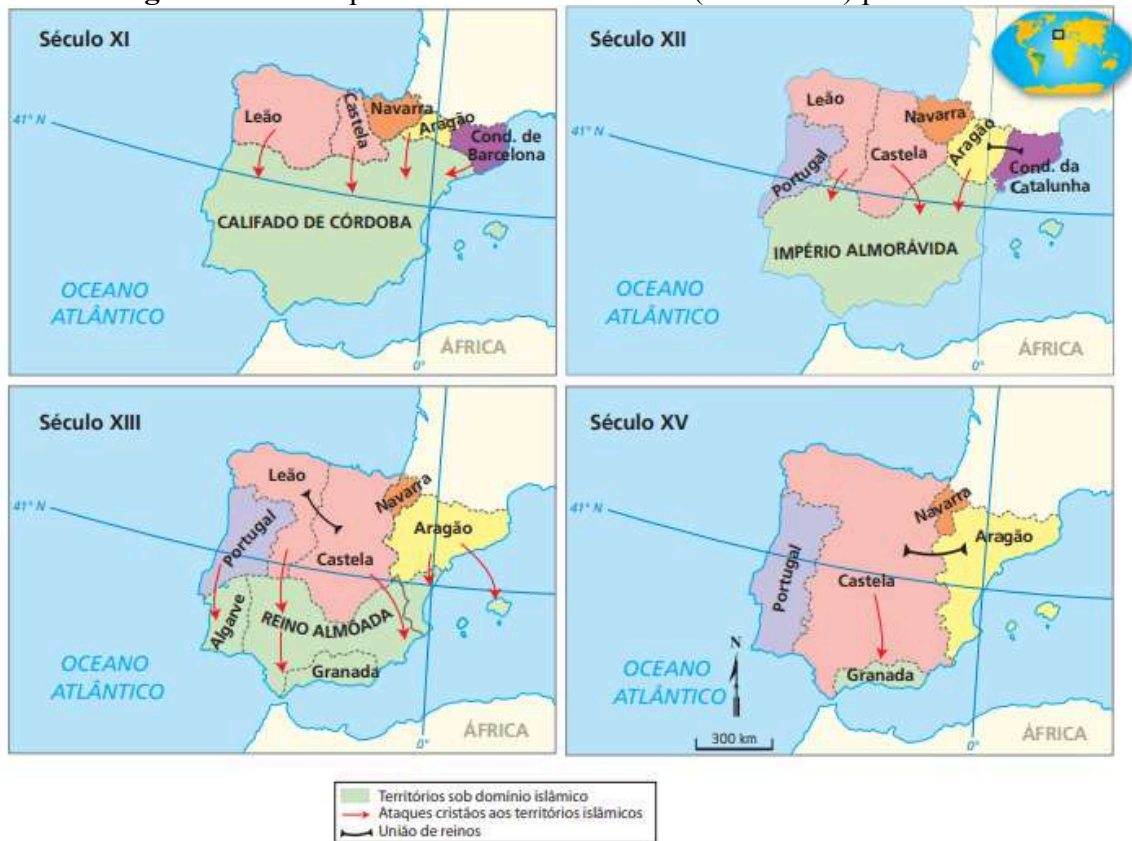
3.1 RECONQUISTA E A FORMAÇÃO DO REINO DE PORTUGAL

A partir do IX começou o processo de resistência contra o domínio árabe. Esse movimento ocorreu do Norte em direção ao sul. Após um logo período de resistência, os habitantes da península impuseram fim do domínio árabe na região. Por volta do século X, sob reinado de dois reis católicos, Fernando e Isabel, aconteceu o desencadeamento para a criação do reino de Portugal e assim iniciou-se a formação do território português.

⁸ Disponível em: <https://bhumanas.wordpress.com/2012/04/16/os-arabes-na-peninsula-iberica/>. Acesso em: 07 jun. 2022.

No mapa abaixo, visualizamos como ocorreu a reconquista na PI e como foi dividido o seu território.

Figura 7 - Reconquista da Península Ibérica (1080-1492) pelos cristãos



Fonte: Imagens Google (2022).⁹

Segunda Assis (s/d), em 718 o rei visigodo derrotou o povo árabe dando início ao processo de reconquista, que culminou nas cruzadas, através de lutas para expulsar os mouros da região, assim recuperando os territórios dominados, formando os reinos de Leão, Castela e Aragão, como observamos no mapa exposto acima. O período em que os árabes permaneceram na península ocorreu entre 711 a 1492, quando foram definitivamente expulsos do território ibérico.

⁹ Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2021/06/mapa-reconquista-da-peninsula-iberica.html>. Acesso em: 11 jun. 2022.

Figura 8 - Divisão do território na formação do reino de Portugal



Fonte: Imagens Google (2022).¹⁰

No mapa acima, observamos como ficou dividido o território quando o reino de Portugal estava no processo de formação. Os muçulmanos ocuparam um vasto território, no entanto aos poucos os reis Cristãos conseguiram reconquistá-lo, no mapa acima é possível observamos o Condado Portucalense que posteriormente se tornará Portugal.

De acordo com Assis (s/d), dois nobres franceses, D. Raimundo e D. Henrique entraram na guerra no intuito de libertar o território Ibérico dos árabes, por esse feito receberam uma recompensa do rei de Leão e Castella, D. Raimundo se casou com a filha do rei, como também foi nomeado governador do Condado da Galiza. D Henrique foi nomeado como governador do Condado Portucalense e se casou com a outra filha do rei, com quem teve quatro filhos, sendo que apenas um era menino, chamado Afonso Henrique, que futuramente iria ser o fundador e o primeiro rei de Portugal.

Depois da morte de D. Henrique sua esposa assumiu o controle do Condado, após alguns anos a viúva envolveu-se com o fidalgo D. Fernão Peres, que tinha a intenção de submeter ao controle da Galiza o Condado Portucalense. Em 1128, Afonso Henrique iniciou uma luta contra as tropas de sua mãe, essa luta ficou conhecida como batalha de São Mamede, após vencer as tropas da mãe, obteve a independência do Condado Portucalense face à Galiza. Em 1139 D.

¹⁰ Disponível em: <https://historiadeportugalparatodos.blogspot.com/2016/07/capitulo-ii-formacao-do-reino-de.html>. Acesso 14 jun. 2022.

Afonso Henrique torna-se o rei de Portugal. A imagem a seguir ilustra a batalha de São Mamede.

Figura 9 - Batalha de São Mamede (1128)



Fonte: Imagens Google (2022).¹¹

3.2 GALEGO PORTUGUÊS

Logo após a batalha de São Mamede, o reino português separa-se da Galiza, Portugal vai se expandindo através das lutas contra os árabes, a expansão territorial vai se ampliando para o sul, conquistando alguns territórios como: Faro em 1249, Algarve, fixando os limites atuais de Portugal, à medida que Portugal se desenvolvia em direção ao sul, os territórios ocupados passam a ser habitados por colonos que trazem consigo o galego-português, também conhecido como *Galaico-português*. Como afirma Faraco: “O movimento político-militar de expansão e ‘reconquista’ levou para o sul a língua românica vernácula que se constituíra no noroeste peninsular, na área inicial da antiga Gallaecia, posteriormente (no século XIX) designada por *galego-português*” (FARACO, 2016, p. 38, grifo do autor).

Com as invasões germânicas e árabes, na PI, o LV se diversificou incorporando os demais falares, ficando conhecido como latim Lusitânico. A partir do século IX, ocorrem as diferenças mais significativas no latim e passa a ser denominado de *Romanços*, caracterizando-se como língua de transição entre o latim e as línguas românicas, incluindo o português.

¹¹ Disponível em: <https://bloguedominho.blogs.sapo.pt/guimaraes-batalha-de-sao-mamede-ocorreu-14484032>. Acesso em: 15 jun. 2022.

De acordo com Assis (s/d), o galego português consolidou-se como a língua falada e escrita da Lusitânia. Vejamos as características do galego-português ainda de acordo Assis (s/d, p. 129):

No galego português a grafia era essencialmente fonética, com raras escritas etimológicas, discorrendo daí grafias diferentes para as mesmas palavras. O português arcaico utilizava alfabeto com letras simples do alfabeto latino (menos o k) e as geminadas ss e rr. A língua era escrita para ser ouvida.

A citação da autora nos mostra que o galego português, especialmente no que se refere à escrita, está relacionado com a fonética, essencialmente a escrita era para ser ouvida. As primeiras palavras em português surgem por volta do século IX, em documentos ou em monumentos. Foi em galego português que surgem os primeiros documentos oficiais e textos literários não latinos da região.

Os documentos escritos em português antigo começam a surgir por volta do século XIII, vejamos a seguir o testamento de Afonso II, o primeiro documento datado e escrito em português, o texto é de 27 de junho de 1214.

Figura 10 - Testamento de Afonso II (século XIII)



En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, sendo sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de me(us) filios e de me(us) uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda p(er) q(ue) de/pos mia morte mia molier e me(us) filios e meu reino e me(us) uassalos e todas aq(ue)las cousas q(ue) De(us) mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. P(ri)meiram(en)te mãdo q(ue) meu filio infante don Sancho q(ue) ei da raina dona Orraca agia meu reino enteg(ra)m(en)te e en paz. E ssi este for/morto sen semmel, o maior fillo q(ue) ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegram(en)te e en paz. E ssi fillo barõ nõ ouuermos, a maior filia q(ue) ouuuermos agia'o ...

Fonte: Assis (s/d, p. 129).

O testamento de Afonso II, nos traz características linguísticas que representam muito bem a transformação do latim para o galego-português, como exemplo temos as palavras: *mãda*

(mandamento), vem do verbo latino *mandare*, que significa recomendar, *Semmel* (descendentes), proveniente do latim *Semen*, significa geração, *Comenda*, é derivado do verbo latino *comandare*, que tem o sentido de proteção de uma pessoa. Esse documento se encontra no Tombo em Portugal, constitui um material não só de valor histórico como também linguístico, uma vez que nos possibilita estudar e compreender a evolução natural de nossa LP.

Quanto à escrita em poesia começa a desenvolver-se no final do século XIII a meados do século XIV, nesse sentido Teyssier (2007, p. 21) destaca:

A poesia Lírica – O galego-português é a língua da primitiva poesia peninsular, que foi conservada fundamentalmente em três compilações, das quais só uma foi organizada ao tempo dos trovadores: o cancionero da ajuda (copiado em fins do século XIII ou princípios do século XIV). Embora seja o mais antigo dos códices de poesia profana, é ele o menos rico quanto ao número de textos conservados, largamente superado no particular pelo Cancioneiro da Vaticana e, principalmente, pelo Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa (antigo Colocci-Brancuti), copiados ambos na Itália, provavelmente nos primeiros anos do século XVI [...].

Ainda segundo Teyssier (2007), estes cancioneros contêm três categorias de poesias: as cantigas d'amigo, falando de amor, cujo o eu lírico é feminino; as cantigas d'amor, com características afetivas, embora seja o homem quem fala; as cantigas d'escarnio e de mal dizer, poemas sátiros, expressos de forma grosseiras, além das cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio (1221-1284), rei de Castela e de Leão a partir de 1252.

A cantiga a seguir “Ribeirinha”, de Paio Soares de Taveirós, é considerada um dos textos mais antigos escrito em galego-português (1189 ou 1198). Esta cantiga foi dedicada a D. Maria Pais Ribeiro, tinha como apelido “A Ribeirinha”

Figura 11 - Cantiga Ribeirinha

*"No mundo nom me sei parelha,
 mentre me for' como me vai,
 ca ja moiro por vos - e ai
 mia senhor branca e vermelha,
 queredes que vos retraia
 quando vos eu vi em saia!
 Mao dia que me levantei,
 que vos enton nom vi fea! "*

*"E, mia senhor, des aquel di' , ai! me
 foi a mim muin mal,
 e vós, filha de don Paai
 Maniz, e ben vos semelha
 d'aver eu por vós guarvaia,
 pois eu, mia senhor, d'alfala nunca
 de vós ouve nem ei
 valia d'ua correa".*

Fonte: Assis (s/d, p. 128)

A cantiga mostra exatamente características linguísticas de transição entre o latim e o galego, é possível observar algumas palavras do latim: *parelha* (do latim *Paricula*), *Fea* (do latim *foeda*), *Muin* (do latim *Multu*), *Ca* (do latim *quia*). Para Teyssier, (2007), apesar de algumas imprecisões e incoerências na grafia do galego-português medieval tem mais regularidade na fonética do que aquele que prevalecerá nos séculos seguintes.

No que tange à estrutura das palavras em galego-português já se usava o *ch*, um exemplo é a palavra *Chanso*, *chus*. O til serve para indicar nasalidade das vogais, que podem também vir representada por uma consoante nasal, vejamos os exemplos: *razõ*, *razom* ou *razon*. Portanto, no que refere à fonética o acento tônico poderia recair na última sílaba como em (*perdi*), na penúltima (*perde*), raramente as antepenúltimas (*alvissara*) segundo Teyssier (2007), os fonemas vocálicos eram mais números quando tônicos.

Na morfologia houve a queda do L e do N intervocálicos, no plural dos nomes terminados em L, ficou mantido no singular, porém no plural desaparecem. Para exemplificar melhor, vejamos tabela a seguir:

Tabela 2 - Plural dos nomes e adjetivos terminados por -I

<i>Singular</i>	<i>Plural</i>	
sinal	sinaes	(isto é, <i>sina-es</i>)
cruel	cruees	(isto é, <i>crue-es</i>)

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 27).

No vocabulário, o galego-português sofreu influências do francês e do provençal, pela presença da dinastia de Borgonha, e com a chegada de vários franceses do Norte e do Sul, assim o galego teve numerosos empréstimos vocabulares como discorre Teyssier (2007, p. 30):

- a) Empréstimos do francês — Dama (< dame), daian (< francês antigo deien, hoje “doyen”), preste (< francês antigo prestre), sage, maison, etc.
- b) Empréstimos do provençal — Assaz (< assatz), greu, “difícil”, alegre, manjar, rouxinol (< rossinhol), talan, “vontade, desejo”, freire (< fraire), cobra, “copla, estrofe” (< cobla), trobar, trobador, etc.

O autor nos mostra que o galego-português não é diferente das outras línguas românicas, haja vista que sofre numerosas influências de outros idiomas e de diferentes culturas, contribuindo para a evolução e consolidação como língua.

Com a ampliação da escrita favoreceu-se a criação das primeiras gramáticas do português, a exemplo de Fernão de Oliveira (*Grammatica da Linguagem portuguesa, 1536*) e a de João de Barros (*Gramática da língua portuguesa, 1540*). Essas gramáticas foram de suma importância para a história do português, visto que trazem informações sobre as construções das palavras e frases, servindo como fonte para o estudo da língua e suas mudanças linguísticas.

Nesse capítulo, observamos como ocorreu o domínio romano na PI, vimos como ficou dividida a península durante as invasões, primeiro dos bárbaros e depois dos árabes, até o processo de reconquista após a passagem de vários povos pelo seu território, contribuindo com a formação linguística e cultural do território peninsular. Posteriormente a formação do reino de Portugal sob o comando de Afonso Henrique, abordamos brevemente sobre algumas características da nova língua o Galego-português, que inicialmente apresentou uma grafia

essencialmente fonética. Discorremos sobre os primeiros documentos escrito em galego, como forma de mostrar a transição do latim para o galego-português. Mais adiante falamos sobre a questão morfológica, fonética e o vocabulário, com as influências e empréstimos de idiomas favorecendo a evolução da língua através da elaboração das primeiras gramáticas, tornando-se assim um alicerce para os estudos das mudanças linguísticas.

Diante de tudo que foi explanado, é necessário conhecermos a formação do léxico da LP no Brasil, para entendemos como se constituiu o nosso vocabulário na atualidade.

4 FORMAÇÃO DO LÉXICO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

No capítulo anterior discorremos sobre a romanização na PI, como aconteceu o domínio romano na região, o latim se torna a língua oficial; abordamos ainda sobre as invasões dos povos Bárbaros e Árabes. Esses acontecimentos acrescentaram diversos valores à cultura e à língua dos povos da Península Ibérica. Tratamos sobre a reconquista da península além da formação do reino de Portugal, quando nasce o galego-português que se consolidou como a língua falada e escrita da Lusitânia.

Por último, discorremos sobre alguns aspectos linguísticos do galego português, por exemplo, a grafia que foi no início essencialmente fonética, depois passa a ser uma escrita mais próxima da etimologia. Os primeiros textos documentos oficiais escritos em galego surgiram por volta do século XIII. Esses documentos trazem características linguísticas que representam muito bem a transformação do latim para o galego-português. Já a poesia começa a florescer no final do século XIII e meados do século XIV, como exemplo, mostramos a cantiga “Ribeirinha”, considerada um dos textos mais antigos escrito em galego-português (1189 ou 1198).

Em 22 de abril de 1500, os portugueses chegaram ao Brasil, em uma embarcação comandada por Pedro Alves Cabral, e toma posse da terra em nome do rei D. Manuel de Portugal, no entanto a colonização só começa de fato em 1532 com as capitânicas hereditárias

Inicialmente, vários produtos foram explorados como a madeira do pau brasil, depois vários minérios, como ouro, que eram exportados para Portugal e como consequência geravam riquezas para a metrópole.

Outro aspecto a ser considerado é o processo de educação ocorrido, especialmente depois a chegada dos Jesuítas, em 1549, que iniciaram o processo de catequização dos índios, impondo a religião católica, com isso os índios eram educados para viver como cristãos. Vale ressaltar que além dos portugueses e os habitantes nativos, vieram também povos africanos, para servirem de escravos nas novas terras.

Nesse sentido, a LP chega ao Brasil no século XVI e por isso foi aos poucos assumindo aspectos peculiares face ao português de Portugal, de acordo com Assis s/d, o país apresentava diversidades em relação aos dialetos, devido à grande extensão territorial, no entanto o que predominava era as diferenças linguísticas em função da classe social.

Além da língua dos portugueses no período colonial, havia uma diversidade linguística considerável entre os nativos, em torno de 350 línguas diferentes. Os jesuítas para alcançar os seus objetivos realizaram a gramatização do tupi, que correspondia a um grupo de línguas que

apresentava características próximas e por isso tornou-se língua de comunicação. A partir desse contato linguístico entre o português e o tupi, constituiu-se a língua geral do Brasil e dada extensão de uso, como ressalta Assis (s/d, p. 150) “O tupi era utilizado pelo Bandeirantes, pelas famílias de portugueses e índios. A língua geral predominava, sobretudo, em São Paulo e no Amazonas, enquanto na costa, ensino nas escolas, o português se impunha”.

Além da língua geral e das inúmeras línguas indígenas, o português também competiu com a língua dos africanos que apresentavam grandes complexidades linguísticas, como destaca Assis (s/d p. 144):

Eram duas as principais correntes afluxo para o Brasil: uma ao norte, de procedência Sudanesa (Bahia: *nagô* ou *ioruba* – que se converteu, por algum tempo, em língua geral dos negros); outra, ao sul, de origem banto (Rio de Janeiro, Minas Gerais: *quimbundo*). As línguas africanas, trazidas pelos escravos negros também foram sendo absorvidas pela língua portuguesa (...).

Desse modo, os contatos entre essas diversas línguas transformaram-se paulatinamente em dialetos regionais e urbano-rurais, primeiro com os portugueses depois com os índios e com os negros africanos. Durante o período colonial, no entanto, predominava a língua geral. Porém, a partir da metade do século XVIII, a língua portuguesa torna-se oficial através da lei do Diretório, de 3 de maio 1757, criada pelo marquês de Pombal, que proibiu o uso da língua geral nas escolas. Em 1759 os jesuítas foram expulsos do Brasil com isso a língua geral arrefeceu, isso porque o português passa a ser a língua utilizada no ensino.

Aos poucos o português falado no Brasil foi se modificando, através do contato entre diversas línguas, por isso ocorreram mudanças fonéticas, como por exemplo, palavras com pronúncias distintas em relação ao português de Portugal. Nesse sentido, De acordo com Teysier 2007, as primeiras aparições do português brasileiro foram em 1767 com Frei Luís do Monte Carmelo (Compendio de Orthographia), o qual apresentava um traço fonético dos brasileiros, como exemplo temos as palavras com os sons mais abertos como: *pàdeiro*, *prègar*, *còrar*; e sons fechados como: *cadeira*, *pregar*, *morar*.

Na formação do vocabulário da LP, embora houvesse essas influências das línguas indígenas, africanas, além disso, podemos considerar outros motivos, a saber a chegada de imigrantes europeus, especialmente, a partir do final do século XIX. Para compreendermos a formação do léxico do português brasileiro, é necessário destacar a importância da LL na construção do léxico da LP. A seguir, apresentamos de maneira concisa a formação, transformação e evolução das palavras através dos metaplasmos.

4.1 MUDANÇAS LINGUÍSTICAS A PARTIR DO METAPLASMOS

Como citado anteriormente a LP provém do latim, especificamente do LV, nesse sentido a língua passou por transformações ao longo do tempo, essas modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução são denominadas de *metaplasmos*. De acordo com Bagno (2007), o metaplasmo é uma mudança na estrutura de uma palavra, ocasionada por acréscimo, remoção ou deslocamento dos sons de que ela é composta, visto que, no processo de mudança do latim para o português brasileiro ocorreram muitos metaplasmos.

Os metaplasmos são responsáveis pela construção das palavras existentes no português brasileiro. Ainda segundo Bagno (2007) os metaplasmos podem ser de quatro tipos, sendo: *por acréscimo*, *supressão*, *transposição* e *transformação*. Os metaplasmos que ocorrem por acréscimo podem acontecer por *prótese* quando um seguimento sonoro é adicionado no início da palavra (Ex. *scuto* > *escudo*), *por aglutinação* quando acrescenta um artigo no início da palavra (Ex. *lacuna* > *alagoa*), existe também a *epêntese* quando o acréscimo de um segmento sonoro ocorre no meio da palavra (Ex. *úmeru* > *ombro*), e a *paragoge*, quando acrescenta o seguimento sonoro no final da palavra (Ex. *ante* > *antes*).

Os metaplasmos por supressão são distribuídos em cinco tipos: *aférese*, *síncope*, *apócope*, *crase* e *sinalefa*. A *aférese* é a perda de um seguimento sonoro no início da palavra (Ex. *episcopu* > *bispo*). A *síncope* acontece quando retira um seguimento sonoro no meio da palavra (Ex. *legale* > *leal*), já a *apócope* é a retirada no fim da palavra (Ex. *male* > *mal*). A *crase* é a junção de duas vogais iguais, no intuito de eliminação do hiato (Ex. *pede* > *pee* > *pé*), enquanto que a *sinalefa* é queda da vogal no final da palavra (Ex. *outra* + *hora* > *outrora*).

O metaplasmo por transposição ocorrem quando há um deslocamento de um seguimento sonoro na mesma sílaba chamado de *metátese* (Ex. *pro* > *por*), já o deslocamento de um seguimento sonoro de uma sílaba para outra chamada *hipérese* (Ex. *fenestra* > *feestra* > *fresta*), o *hiperbibismo* é o deslocamento do acento tônico, no qual o acento tônico pode recuar para a sílaba anterior têm-se a *sístole* (Ex. *pantânu* > *pântano*), e quando o acento tônico recua para a sílaba posterior têm-se a *diástole* (Ex. *limite* > *limite*).

Por fim, o metaplasmo por *transformação* ocorrendo de várias formas, o primeiro é a *vocalização* que transforma uma consoante em vogal (Ex. *nocte* > *noite*), já a *consonantização* ocorre quando a vogal que se transforma em consoante (Ex. *iam* > *já*; *ieiunu* > *jejum*). A *nasalização* é transforma o seguimento oral em nasal (Ex. *nec* > *nem*; *mihi* > *mi* > *mim*; *sic* > *sim*), pode acontecer o contrário em que o seguimento nasal passa a ser oral chamado de *desnasalização* (Ex. *luna* > *lũa* > *lua*; *corona* > *corõa* > *coroa*). A *sonorização* ou

abrandamento ocorre quando uma consoante surda se transforma numa consoante sonora homorgânica (Ex. *lupu* > *lobo*; *uita* > *vida*). A *palatização* acontece na transformação de um ou mais segmentos numa consoante palatal é importante ressaltar que no latim não havia as consoantes palatais, então as que existem no português são resultantes dessa transformação. Vejamos alguns exemplos de *palatização* de acordo com Bagno:

Quadro 2 - Exemplo de Palatização

[de, di] + vogal > / / (grafada J):	<i>video</i> > <i>vejo</i> <i>hodie</i> > <i>hoje</i> <i>invidia</i> > <i>inveja</i> <i>adiutare</i> > <i>ajudar</i>
[pl, kl, fl] > /t / (grafada CH): pronúncia atual: / /	<i>pluvia</i> > <i>chuva</i> <i>implere</i> > <i>encher</i> <i>clave</i> > <i>chave</i> <i>flamma</i> > <i>chama</i> <i>inflare</i> > <i>inchar</i> <i>plumbu</i> > <i>chumbo</i>
[kl, pl, gl, tl] mediais > /ʎ/ (grafada LH):	<i>oculu</i> > <i>oclu</i> > <i>olho</i> <i>apicula</i> > <i>apecla</i> > <i>abelha</i> <i>scopulu</i> > <i>scoplo</i> > <i>escolho</i> <i>tegula</i> > <i>tegla</i> > <i>telha</i> <i>vetulu</i> > <i>vetlu</i> > <i>velho</i>
[ske, ski, se, si] > / / (grafada X):	<i>pisce</i> > <i>peixe</i> <i>passione</i> > <i>paixão</i> <i>miscere</i> > <i>mexer</i> <i>russeu</i> > <i>roxo</i>
[si] + vogal > / / (grafada J):	<i>basium</i> > <i>beijo</i> <i>caseum</i> > <i>queijo</i> <i>cerevisia</i> > <i>cerveja</i> <i>ecclesia</i> > <i>igreja</i>

Fonte: Bagno (2007, p. 12).

Outro metaplasmo de transformação é a *assimilação* em que consiste na mudança de um seguimento sonoro igual ou parecido com algum existente na palavra, a assimilação pode ser **total, parcial e regressiva**. Bagno (2007) traz alguns exemplos:

Quadro 3 - Assimilação total, parcial e regressiva

A assimilação é **total** quando o som assimilado se iguala ao som assimilador:

persona > pessoa
persicu > péssego
mirabilia > maravilha
per + lo > pello > pelo

É **parcial** quando o som assimilado apenas se assemelha ao assimilador:

auru > ouro
lacte > laite > leite

paucu > pouco

É **progressiva** quando o som assimilador está **antes** do assimilado:

amam-lo > amam-no

É **regressiva** quando o som assimilador vem **depois** do assimilado:

captare > cattar > catar

Fonte: Bagno (2007, p. 12-13).

Já a *dissimilação* acontece é o processo oposto, pois diferencia um seguimento sonoro devido a existência quase sempre de outro igual na palavra (Ex. *liliu > lírio; memorare > membrar > lembrar*). A *apofonia* ocorre quando existe uma mudança no timbre de uma vogal devido à influência de um prefixo (Ex. *in + aptu > inepto*). Por último temos a *metafonia* que ocorre na mudança do timbre de uma vogal ou semivogal posteriores influencia no timbre de uma vogal que está localizada no início da palavra (Ex. *totu > tudo; feci > fizi > fiz*).

Diante do exposto é possível compreendermos que foi através dos metaplasmos que ocorreram as transformações e evoluções linguísticas do latim para o português brasileiro, logo vemos que o latim teve um papel de suma importância na formação do léxico do português, visto que a maior influência para a formação do léxico ao longo do tempo, foi da LL e que contribuiu de maneira mais significativa para a construção do nosso vocabulário como destaca Marcos Bagno em seu livro *Gramática histórica do latim ao português brasileiro*:

Os complexos desenvolvimentos históricos por que passou a região que viria a se constituir no estado independente chamado Portugal estão bem refletidos na composição heterogênea do léxico da língua portuguesa. Evidentemente, por ser o português uma língua românica, seu léxico é na essência de origem latina, de modo que o latim constitui o estrato principal do seu vocabulário (...). (BANGO, 2007, p. 50).

O autor enfatiza que o latim como constituinte principal do nosso vocabulário, além disso é importante também ressaltar que o latim permanece como língua utilizada pela Igreja Católica até os dias de hoje. De acordo com o pensamento de Mario Eduardo Viaro, o latim ainda é usado na atualidade, “Existem neologismos calcados no latim ainda hoje, quando se diz sobre fertilização *in vitro*, em *currículum vitae*, pós-graduação *lato senso*, em *campus* universitário e mesmo o *fax*, invenção moderna, que provem da expressão *fac simile*” (VIARO, 2004, p.59).

Segundo Viaro (2004), as palavras se compõem de raízes, por isso na origem das palavras do português há uma presença significativa de raízes da LL. Nessa perspectiva, o estudo dessas raízes possibilita um conhecimento efetivo em relação à estrutura e formação das palavras, além disso amplia o vocabulário de quem estuda. Vejamos a diante algumas raízes importantes que contribuíram para a formação de nosso léxico.

Agr- campo (*ager*)

Agricultura

Al- alimentar, crescer (*alere*)

Alimento – *alimentum*

Alto- *altus*

Am –amar (amare)

Amigo (*amicus*)

Anim – alma (*anima*)

Animal (*animale*)

Cad –cair (cadere)

Cadente – *cadens*

Ann – ano (*annus*)

Coqu –cozinhar (*coquere*)

Col – cultivar (*colere*)

Culto – *cultus*

Doc – ensinar (*docere*)

Docente- (*discens*)

Vulg- povo (*vulgus*)

Divulgar- *divulgare*

A seguir iremos discorrer um pouco sobre o ensino de LP no Brasil, visto que, nas aulas português pouco se fala da evolução, especialmente do léxico, que a língua passou ao longo do tempo, ou seja, o “*latim*” como origem do nosso vocabulário e por isso é, muitas vezes, pouco

conhecido pelos discentes, mesmo que os vestígios no léxico no português contemporâneo sejam perceptíveis, como demonstramos, a partir dos exemplos acima.

4.2 CONTRIBUIÇÕES DA ORIGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO

Segundo Antunes (2003), o estudo de LP ainda mantém uma perspectiva reducionista, focando no estudo das palavras e frases descontextualizadas, nesse sentido fica reduzido a compreensão de que a linguagem é constituída de longos processos evolutivos. Embora há intervenções para inovação e renovação do ensino, ainda não ultrapassam iniciativas isoladas. Nessa direção, Antunes (2003, p. 20) considera que:

Consequentemente, persiste o quadro nada animador (e quase desesperador) do insucesso escolar, que se manifesta de diversas maneiras. Logo de saída, manifesta-se na súbita descoberta, por parte do aluno, de que ele “não sabe português”, de que “o português é uma língua muito difícil”. Posteriormente, manifesta-se na confessada (ou velada) à versão as aulas de português e, para alguns alunos, na dolorosa experiência da repetência e da evasão escolar.

A autora traz reflexões importantes acerca do ensino de português, ressaltando as dificuldades que os discentes sentem em sala de aula, principalmente quando se trabalha a gramática com suas regras que prescrevem como devemos falar e escrever. No pensamento de Ilari e Basso (2021), o ensino de língua materna é sobrecarregado pela gramática. Contudo, é preciso desmistificar de que o português é uma língua difícil, para isso acontecer é necessário assumir a dimensão interacional da linguagem, e também a dimensão histórica, no intuito de construir os sentidos que existem na interação que a língua promove.

Apesar de grandes avanços o ensino de português ainda está centrado, muitas vezes, em nomenclaturas, análise de frases ou palavras isoladas, Antunes (2003, p. 97) ressalta a importância do estudo da gramática contextualizada:

Uma gramática contextualizada – A gramática esta naturalmente incluída na interação verbal, uma vez que ela é uma condição indispensável para a produção e interpretação textos coerentes, relevantes e adequados socialmente. (...). Na verdade, o professor deve encorajar e promover a produção e análises de textos, o frequentemente possível (diariamente), levando o aluno a confrontar-se com circunstâncias de aplicação das regularidades estudadas.

Nesse sentido, ressaltamos a importância de se trabalhar o texto como base nas aulas de português, é como se fosse o alicerce para o desenvolvimento do aprendizado. Não se pode

esquecer e nem deixar de frisar a origem da LP para os discentes em sala de aula, norteando as frequentes dúvidas em relação à formação das palavras, assim é possível que essas as lacunas particularmente nas questões relacionadas à etimologias das palavras sejam atenuadas, e assim contextualizar o estudo de gramática, contribuindo para o conhecimento maior do léxico.

Nessa perspectiva, a BNCC traz algumas orientações para o ensino de LP a saber: “Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2018 p. 87).

A BNCC é um documento norteador do ensino, por isso orienta que o texto seja o elemento principal nas aulas de português, visto que são os textos que têm a função de caracterizar as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

Diante das reflexões acima, é possível compreendermos que é necessário que o aluno conheça de antemão a historicidade de sua língua materna, e que é fundamental saber o caminho da construção do léxico da LP e, conseqüentemente, entender a língua na atualidade. Portanto apropriar-se da história da língua, no que se refere ao léxico, possibilita-nos interagir nos diversos campos da vida social de maneira mais efetiva e inclusiva.

Nesse capítulo, discorreremos sobre a formação e implantação do português no Brasil, o português foi aos poucos assumindo aspectos peculiares face ao português de Portugal. Vemos o multilinguíssimo que surgiu no Brasil através da exploração territorial; discorreremos, de maneira concisa, sobre a formação e evolução do léxico através dos metaplasmos, visto que foram responsáveis na mudança do latim para o português brasileiro, assim formando nosso vocabulário. Por fim, enfatizamos sobre a importância do ensino fundamentado na origem da LP, no intuito de ampliar o conhecimento dos discentes sobre o léxico da língua materna.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de língua portuguesa, por muito tempo, detêm-se a buscar explicar o máximo as regras e ensinamentos da gramática normativa, por este motivo, muitos discentes queixam-se da dificuldade de acompanhar as aulas de língua portuguesa devido, muitas vezes, os conteúdos se restringirem à memorização por serem exigidos na matriz curricular, sem contextualização. Desse modo, é importante incluir no contexto de ensino do português, abordagens acerca das mudanças linguísticas ocorridas ao longo do tempo, as explicações e exemplificações sobre a origem da LP “*O Latim*”, taxada como uma língua morta, por muitos.

A partir das discussões teóricas, compreendemos que o conteúdo lecionado fica pautado quase somente nas regras gramaticais, ignorando outros aspectos, como a etimologia das palavras, a necessidade de explicação da importância do estudo diacrônico da língua, dando ênfase a influência que o latim exerceu na formação do léxico do português. Por esta razão, cabe aos docentes de LP buscar introduzir em suas aulas abordagens sobre o processo de evolução da LP, pois acreditamos que contribuirá para os conhecimentos relacionados à escrita e assim desperte no discente o sentimento de pertencimento ao conhecer o processo de evolução da língua que falamos e escrevemos.

Nem sempre os docentes refletem sobre o processo de mudança linguística que é uma propriedade universal das línguas, então compreendemos que a língua se modifica com o passar dos tempos, seu desenvolvimento possibilita alterações a depender das necessidades dos falantes, visto que ela se consolida e se desenvolve a partir das situações de discurso, fruto das relações e interações sociais. Por esta razão, vemos a necessidade do conhecimento desde sua origem, expansão, até o uso dos dialetos na atualidade.

Com o desenvolvimento desta pesquisa, foi possível compreendermos a origem da LP, o latim, sua disseminação e suas peculiaridades até os dias atuais, e assim constatamos a importância da inserção dessa temática nas aulas de português, para o melhor conhecimento da nossa língua materna.

Consideramos que a metodologia escolhida para esta pesquisa foi suficiente e eficaz na realização dos procedimentos, pois ao optarmos por uma organização sequencial de ideias, conseguimos priorizar cada eixo da pesquisa dividido em capítulos. Desta forma, a compreensão da origem da LP deu-se considerando processo de evolução da língua, desde o latim.

Desse modo, o objetivo geral foi alcançado, alicerçado nos objetivos específicos, através da escolha e seleção dos aportes teóricos que formaram a bibliografia. Ao escolher cada aporte teórico, buscamos a melhor contextualização e reconhecimento da abordagem da origem da LP.

A compreensão do problema ocorreu, a partir da necessidade e da importância da compreensão da origem da nossa língua materna, visto que muitos professores ainda abordam em suas aulas apenas as questões gramaticais, do ponto de vista normativo, deixando de lado, as reflexões sobre a influência do latim na formação do léxico da LP.

Após as reflexões da origem da LP, seu desenvolvimento e utilização no dia a dia, verificamos que cada vez mais há a necessidade dessa abordagem nas aulas de língua portuguesa. Em muitos casos, os alunos tendem a distanciarem-se daquilo que julgam como dificultoso, por isso trazer questões para sala de aula sem embasamento teórico não contribui para a construção do aprendizado. Então, podemos apresentar aos alunos a sequência de fatos ocorridos com a língua que eles falam e usam, possivelmente facilita a compreensão e tornando-os conhecedores da língua que estudam e usam em todas as situações comunicativas.

Buscamos soluções para a temática proposta sobre o léxico do português de maneira contextualizada. Quando tratamos de ensino, é notório que devemos considerar as múltiplas estratégias existentes para cada situação de ensino, especialmente, no que refere ao português.

Portanto, um trabalho nunca é “inédito”, ele é construído em embasamentos, em propostas reconhecidas que auxiliam no processo de desenvolvimento de uma pesquisa. Sempre é possível novas formas de desenvolvimento, novas reflexões acerca de uma mesma temática, e é isto que move o conhecimento. As múltiplas maneiras de fazer. Nesta linha de pensamento, destacamos a incompletude deste trabalho, visto que novas reflexões podem ser traçadas e outras pesquisas desenvolvam outros olhares para o aprimoramento do ensino de LP.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé. **Aula de português** – encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ASSIS, Maria Cristina. **História da língua portuguesa**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6963916-Historia-da-lingua-portuguesa.html>. Acesso em: 10 fev. 2022

BAGNO, Marcos. **Gramática histórica: do latim ao português brasileiro**. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

BANZA, Ana Paula; GONÇALVES, Maria Filomena. **Roteiro de História da Língua Portuguesa**. Coleção monografias, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: 2018.

CARDOSO, Elis de Almeida. **A formação histórica do léxico da língua portuguesa**. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso em: 01 mar. 2022.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Império novo milênio, 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu; BASSO, Renato Miguel. **História da língua**. Florianópolis: UFSC, 2010.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIARO, Mario Eduardo. **Por traz das palavras: Manual de etimologia do português**. São Paulo: Editora Globo, 2004.